



Biograph



ESCRITA, RELATO E EXISTÊNCIA.

Denize Dall' Bello, Universidade Federal de Mato Grosso,

dallbello17@gmail.com

A VISITAÇÃO

Há algo que pode guiar a procura?

Eu não sei dizer exatamente o que guia a procura. Eu só posso responder que esse algo deve ser o desejo, a curiosidade que se move dentro de nós. Sei, portanto, muito pouco sobre essas vontades que aparecem e que impulsionam fortemente a nossa vida. É como se fôssemos visitados pelo vento. É assim que eu represento para mim e para vocês a motivação que explica o meu interesse em participar deste congresso: o desejo... Que não deixa de ser científico, mas que é, sobretudo, psicológico e significa um modo íntimo de comunicar.

Sempre tive algumas dificuldades em compreender o que significava representar, especialmente, do ponto de vista linguístico. Parecia abstrato demais, calculado demais para mim aos vinte e poucos anos de idade. Principalmente, porque representar estava diretamente ligado à compreensão do signo linguístico. E isso era uma dificuldade: a definição estudada do signo aparecia na minha cabeça quase sempre representada como um grande problema matemático. Falar que o signo era composto pela imagem acústica só embaralhava a minha compreensão. Imagem acústica? – repetia eu tentando formar uma imagem do conceito apresentado. Eu não conseguia

relacionar a linearidade do som com a da escrita, entre outras fragmentações produzidas por mim. Agora, vinte anos depois, alguma coisa se deslocou, de maneira que eu posso dizer que aprendi um pouco mais a cerca da ação de representar. Entretanto, se aprender leva tempo, aprender a representar também leva tanto tempo quanto aprender sobre o que é o representar. Representar não é, portanto, uma atividade exclusiva do universo infantil. Não por acaso, tempo e representação são de interesse da filosofia e das ciências. Representar tem a ver com aprender a falar, tem a ver com produzir imagens, lembranças, tem a ver com a gestualidade e com a linguagem. Tem a ver, sobretudo, com uma coisa muito importante que é: não perder o vínculo com o concreto. E era exatamente este o problema que eu enfrentava. Encarar um problema, sem identificá-lo, sem compreendê-lo é envolver-se num redemoinho. Ficamos sob seu efeito, sob sua pressão e desorientados. Hoje, algumas obras publicadas na área da neurociência esclarecem, entre outros fatos, que a representação é uma construção cognitiva e que não há um corte com o real.

Entretanto, quando isso acontece, representar qualquer coisa para nós mesmos torna-se bem difícil. Fica faltando um lado, um pedaço, uma parte. António Damásio explicou que o cérebro cria imagens dos objetos percebidos. O cérebro nunca faz uma cópia fiel das coisas do mundo. Para fazer este trabalho, ele depende bastante dos sentidos e da maneira como esses interagem com o ambiente interno e externo. Portanto, o que acontece é uma recriação aqui dentro de nós a partir das nossas experiências lá fora. Por essa razão, podemos dizer que “eu estou no mundo e o mundo está em mim”. Quando falamos assim, é porque queremos sublinhar esse trânsito que acontece o tempo todo entre essas duas realidades: eu e o outro. A representação nasce, então, dessa comunicação e nessa comunicação. Não consigo, hoje, percebê-la de outra maneira. Portanto, para *alcançar* o mundo, usamos imagens – que são abstrações. As imagens nos ligam ao real.

CAMPO MINADO DAS IMAGENS

Ocorre que, atualmente, as imagens – porque são reproduzidas em excesso – perderam a capacidade de representar. Isto é um problema que está no centro de muitos

debates. Alguns teóricos, como o professor Norval Baitello Junior (2005), explicam que este fenômeno foi causado pela crescente abstração das experiências. A virtualização do mundo começou com a percepção do espaço e da ocupação deste pelo homem. No princípio, – sublinhou o professor Baitello - toda a mediação do mundo era feita com o corpo. A presença era fundamental. Depois, quando as primeiras marcas foram deixadas em suportes transportáveis e nas paredes das cavernas, uma transformação profunda ocorreu: o homem percebeu que era possível distanciar-se do mundo e que, no seu lugar, poderia deixar um sinal, uma imagem. Ele realizava, portanto, uma operação de substituição. Colocava imagens no lugar do corpo. Depois, continuou o professor Baitello, a escrita desenvolveu-se e com essa forma, passamo-nos a representar de um modo diferente: mais linear. Com poucos símbolos, foi possível registrar transações econômicas, sobretudo. O mundo podia ser descrito em linhas.

Mas esse processo de afastamento do mundo, não cessou com a criação da escrita alfabética. Atualmente, os aparelhos produtores das imagens operam uma subtração da corporeidade ainda mais radical: é um algoritmo, um programa computacional que constrói as imagens que vemos e distribuimos aos milhares através dos nossos computadores e dispositivos móveis. Esses passos rumo a uma crescente abstração foram formulados pelo filósofo Vilém Flusser (2010) que se dedicou a estudar a escrita como uma das mediações mais revolucionárias da experiência cultural humana e captou seu grande poder de abstração.

Então, o que temos aqui no meu relato? Um texto que começa apresentando uma incompreensão sobre um conceito básico e fundamental do campo da linguística: o signo linguístico. Temos, também, um ponto de engate – digamos assim. A descoberta – através de múltiplas referências, leituras posteriores - de que a ação de representar nunca foi uma exclusividade da língua escrita. Havia um antes, havia algo anterior: as imagens. E é através desse ponto de ligação que eu me aproximo da proposta deste texto.

A REPRESENTAÇÃO E A PERFORMATIVIDADE DAS IMAGENS

As imagens trazem no seu funcionamento a questão da representação. Com as imagens – qualquer uma – podemos nos expor, podemos mostrar o objeto de uma

determinada maneira. Isso porque as imagens têm essa capacidade de expressar alguma coisa, de apontar para alguma coisa fora delas. É um processo que envolve criação, pois trazer alguma coisa que não está diante de nós para perto de nós, não é um acontecimento qualquer. Envolve grande energia. O pesquisador alemão Christoph Wulf (2013) atribui à imaginação a tarefa de ligar o homem ao mundo e vice-versa. Ela é uma ponte – disse ele – que liga o exterior e o interior. A imaginação se faz no movimento de ir e vir. Entretanto, esta ponte não é exatamente a linha pela qual atravessamos todos os dias, por exemplo, de um lado a outro do rio. A sua constituição é um pouco incomum. Wulf (2013: 22-23) definiu-a como um quiasma. Na linguagem comum o quiasma é como se fosse um X. Para ele, as imagens são produzidas na intersecção do externo com os sentidos humanos.

Percebendo o mesmo movimento em cruz, o professor Norval Baitello (2014: 21-23) explicou que nós recolhemos imagens do mundo ao mesmo tempo em que as enviamos de volta. Esse exercício de comunicação e de contaminação de um ambiente por outro é intenso e universal. Se, por um lado, pode ser extremamente produtivo, por outro, está sujeito, a um crescimento exagerado – como dissemos.

Atento ao que podem realizar as imagens, Christoph Wulf, no seu livro *Homo Pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. (2013), apontou o lado performativo das imagens. Isto é: além de representarem, elas mostram como nós atuamos em diferentes encenações. Mostram o nosso autorretrato nas cerimônias, nos bailes, nas festas religiosas, na escola. Mostram os nossos gestos nestes ambientes. Presentificam os gestos de poder, de empatia ou da falta dela, também. Geram, portanto, imagens. Lembram, inclusive, que o nosso corpo não é acessível como um todo. Mas, que as culturas percebem, experimentam, interpretam esse corpo de modos distintos (Wulf: 2006:37).

Quando encenamos um papel para o outro, nós nos representamos. E uma coisa muito importante ocorre: nós nos percebemos e nos conhecemos através das encenações que projetamos. Descobrimo-nos através dos efeitos que elas produzem. Wulf (2006:50) diz que essas encenações acontecem em outras esferas culturais, como a do teatro, a da literatura e da música, por exemplo. Participamos delas como leitores, ouvintes, espectadores. Por meio do desejo e da possibilidade, internalizamos as imagens que

essas situações produzem. Agimos mimeticamente. Alteramos o nosso mundo de leitor, de espectador, de ouvinte repetindo a referência e inovando a repetição.

COMO EU APROXIMO IMAGENS E RELATO?

Então vamos lá! Que pretendo eu, ao falar, ainda que muito brevemente de temas tão exigentes, como o das imagens e alguns de seus aspectos? A performatividade – por exemplo? Ainda mais quando este interesse envolve a linguagem escrita – preferencialmente.

Ocorre que, quando se trata da questão da representação e da performatividade, as imagens têm muito a dizer – como vimos. O professor Norval Baitello (2014:21) argumenta que as imagens têm um grande poder de captura emocional. Então, a gente representa, encena para *capturar*? Eu acredito que sim. Muito do processo de *capturar* aparece nos encontros presenciais e não presenciais cotidianos. Na verdade, nós esperamos por isso.

Tal ideia – que não é minha – baseia-se na teoria do encantamento desenvolvida pelo etólogo, psicólogo e psiquiatra Boris Cyrulnik (1999). Entretanto, nós não capturamos o *outro* com as coisas. Repetindo, nós *o* capturamos com as representações, com os conceitos destas coisas. Cyrulnik escreveu muitos livros mostrando, a meu ver, como essa operação é fundamental para a condição humana. Chamou a isso de substituição. Escreveu profundos relatos sobre como esse mecanismo opera na vida das crianças e dos adultos. Principalmente, no decorrer do processo de resiliência desses indivíduos. Nas obras *O nascimento do sentido* (1995), *O sexto sentido: o Homem e o Encantamento do Mundo* (1999) e os *Patinhos Feios* (2004) é possível compreender melhor as implicações da substituição e da simbolização. Utilizando exemplos simples, Cyrulnik evidencia, porque é importante para o desenvolvimento do bebê aprender a colocar uma coisa no lugar de outra. Ele tratou do nosso temor em relação à carência. E disse ao seu modo: nós não suportamos a falta por muito tempo. Sobretudo, os bebês. Sem a mãe, eles se sentem as pessoas mais *soltas* deste mundo. Um bebê não quer sentir-se desprendido, desligado, solto.

Entretanto, quando a mãe se afasta, porque a cultura e o cotidiano solicitam, a primeira lição de sobrevivência comunicacional que uma criança terá de aprender é: o que eu posso colocar no lugar daquela que se foi? Um lenço? Uma boneca? Uma pelúcia? – diz o etnólogo. Boris Cyrulnik perguntou-se sobre isso e procurou pensar nos vínculos que eram tecidos a partir da ação da substituição. O que a ausência poderia ensinar a respeito das estratégias de vinculação? Confiança nos nossos recursos comunicacionais? Insegurança, ambivalência? Tudo isto Cyrulnik estudou e anotou com o auxílio de leituras multirreferenciais, interdisciplinares e com a própria dor pessoal. E escreveu acerca do humano, da ciência, da poesia, das carências afetivas que podem reter o desenvolvimento de uma criança, quando criada em isolamento sensorial.

Assim, vincular tem a ver com substituir, tem a ver com representar, com aprender a simbolizar, tem a ver com o meu “eu”. Eu fiquei extremamente impressionada com o poder que os vínculos carregam. Os vínculos são construções que nós não vemos. Nós só podemos senti-los, projetá-los, recebê-los, tecê-los, tentar cortá-los, transformá-los e tanto mais. São, enfim, relações. Quando aprendemos a escrever, aprendemos, igualmente, a operar com os vínculos, com as substituições. No lugar das coisas, colocamos a língua materna. Simbolizamos. No lugar dos objetos, colocamos as suas imagens. Tudo invisível, tudo abstrato e muito real.

A teoria do signo linguístico, que eu não conseguia aprender, deixava um ponto vazio na minha compreensão: o signo tinha que ter *um quê* mágico. Era como se eu sempre esperasse por um coelhinho branco saindo da cartola; surpreendendo-me. No entanto, isso raramente acontecia. O enfoque não trazia esse coelho. Talvez, muitas décadas depois, ao propor nas aulas que eu e os alunos construíssemos pequenos textos, ao modo dos mosaicos trazidos pelos ventos das experiências, eu quisesse ver o coelhinho da cartola. Na denominação científica, eu chamaria isso de: ver a imaginação em ação. O que ficava claro, é que o conhecimento sem esse coelho mágico era pobre. Não envolvia nem distribuía, não era empático muito menos generoso. Faltava eu perceber no conceito esse jogo de ilusão. Foi buscando ele que eu comecei a questionar a minha ideia de produção textual, fortemente amparada em balizas linguísticas, extremamente importantes, mas insuficientes. Seria eu... Demodê? Quando nós escrevemos, que mundos nós queremos fazer aparecer?

COMO A TEORIA TENTA GANHAR VIDA

Por isso, quando solicitei aos alunos da graduação que registrassem, em sala de aula, durante dois semestres, criando pequenas notas dos ocorridos, anotando além do conteúdo programático, eu queria obter autorretratos de nós. Que tipo de encenações desenhávamos para os outros? Eu nunca me perguntei sobre isto. Eu nunca percebi isto – pelo menos não desta perspectiva - apesar de tantos anos na sala de aula. Queria obter, sobretudo, imagens da nossa aprendizagem, destruir em mim um pouco da grande idealização que ainda persiste a respeito do processo de ensinar e aprender.

Escrever e reconstituir essa memória nossa, para nós mesmos, demonstrou ser um bom exercício de espelho. Bastante eficaz, se tivermos olhos para ver. Tal prática levou-nos a vermo-nos de maneira muito diferente: atuando, vivos, comprometidos com o momento. Quando eu tenho a oportunidade de olhar esses micro-textos, quando eu peço para os próprios alunos lerem para mim e para os demais aquilo que eles escolheram registrar durante a semana, durante o mês ou ao final das aulas, também eu tenho a oportunidade de ver na presença aquilo que alguns teóricos chamam de *animação*. Quer dizer, eu posso ver a memória registrada - que é o acontecimento vivido e que foi animado.

A memória, eu tenho aprendido nestas atividades, não é simbolizada por todos da mesma maneira – muito menos sentida da mesma forma. Sou eu, muito mais que eles, quem vê como *animação* um evento que já aconteceu e que retorna nesses momentos de convocação. O tempo é uma percepção extremamente particular e delicada para se *mexer*. Os registros de dúvidas a respeito das incertezas na profissão, as pequenas poesias copiadas, os apontamentos da aula, as viagens, entre outros assuntos, mostram que o conhecimento é uma mescla onde o que pouco importa - pelo menos no nosso caderno - é o que é que “contaria mais” para a nota final. Quando registramos o que registramos, estamos trabalhando – ainda, que inconscientemente – sobre os vínculos que estabelecemos. Isso porque, para o professor Norval Baitello Junior (2008: 95-97), é descabida a ideia de que comunicar é tão somente trocar informações. Nós

somos vocacionados para a interação com os outros que preenchem as nossas faltas e as nossas necessidades – afirmou ele.

Alguns professores do Curso de Letras podem pensar que estudar os vínculos seja um assunto para a área da saúde, porque não compreendem que, embora eles nasçam na relação da mãe com o bebê, os vínculos representam a base sobre a qual todos os demais sistemas se organizarão. Assim, quando nós sofremos algum tipo de violência é o vínculo que é afetado. Vincular é criar um tipo de ambiente para viver, é aprender a fazer mediações – sublinhou o professor Norval Baitello (2008:95-112). Por isso, eu não entendo que a falta de cuidado, a falta de presença, que provoca enormes prejuízos à comunicação, não seja um tema de interesse para a formação de professores e para o ensino da língua. A questão de como eu me vinculo a alguma coisa ou a alguém, que laços eu constituo, é, para mim, como um grande painel luminoso onde nenhuma reforma curricular conseguirá ser capaz de pensar, sugerir, mudar ou propor a conquista de novos conhecimentos, se não aprender a trabalhar o vínculo com aquilo que considera “estranho”.

QUAL É O PONTO?

Vou ser muito direta aqui. Na disciplina *Fundamentos da Comunicação Humana*, constante da atual grade do curso de Letras da UFMT, mas fora da nova proposta desenvolvida pela área da Língua Portuguesa para a Graduação em Letras, há um tema que eu considero interessante para a discussão sobre problemas relativos à questão da língua, da linguagem, do ensino-aprendizagem, das diferenças, da violência. Trata-se da noção de Resiliência.

Há quase uma década, talvez um pouco mais, Boris Cyrulnik trabalha sobre ela. Ele explica muito simplesmente que a resiliência é um processo de retomada do desenvolvimento comunicacional. Envolve fatores internos e externos e credita à cultura um enorme papel de participação. Também a narratividade e a afetividade aparecem como aliadas neste combate às quedas a que todos estamos vulneráveis.

Muito sumariamente o que me interessa na sua proposta é explorar uma visão da escrita que considere o seu aspecto metamórfico, isto é, o seu poder transformador. Quando escrevemos ou contamos ao outro sobre nós, estamos construindo um ‘espelho’ para o outro. Até aí, pode não haver muita novidade. Mas e quando se trata de situações de sofrimento? O sofrimento, por exemplo, não poderia ser tema para a grade curricular de um plano político pedagógico? Não seria um texto que mereceria algum espaço na nossa reflexão como professores? Pois bem, o sofrimento não é bom para a vida, mas já que o recebemos o que fazer com ele? – questionou-se Cyrulnik. Contar, desenhar, escrever, teatralizar o que me aconteceu, permite-me refletir sobre o acontecimento e mudar a imagem que faço de mim e a imagem que comunico para o outro.

A poesia é a primeira forma de resiliência – disse o neuropsiquiatra. Com as palavras, eu posso dar outra forma ao que me aconteceu. A escrita é uma atividade onde submerjo no meu mundo imaginário. Então, para comunicar este mundo, preciso escolher bem as expressões que traduzirão este estado ao leitor que me lerá. A palavra é, sobretudo, um ato relacional. Na escrita, me dirijo a um “amigo imaginário”, ao passo que no relato posso olhar o outro nos olhos e fazê-lo participar da minha história. Então somos coautores deste novo discurso sobre mim. Por isso, muita gente, depois que sofre escreve música, poesia, faz teatro, torna-se professor, inclusive. Tudo isso teorizou Cyrulnik. Quando nós conseguimos deflagar um processo assim tão intenso, de retomada, de reconstrução, nós estamos gerando um novo vínculo e um novo ambiente externo – lembrou o que o professor Norval Baitello.

Para Cyrulnik (1995), aprender uma língua é, sobretudo, aprender a ocupar um lugar afetivo. Tanto é assim que num encontro a gente nunca se aproxima do outro de qualquer maneira. Num encontro, eu “ajeito o corpo” eu organizo as minhas emoções para, então, entrar em contato. O conteúdo semântico não é o que vem em primeiro lugar e, sim, a criação de um espaço emotivo entre os interlocutores. E é por isso que eu me pergunto sobre os nossos encontros no curso e com o curso? Como eu o vivencio? Porque quando eu falo de encontro, eu falo da possibilidade da violência, eu falo da possibilidade da aproximação e da comunicação. Por isso, também, eu arrisco a dizer que muitos dos nossos problemas têm a ver com o modo como nos vinculamos às coisas, às pessoas, aos ambientes, ao mundo, à escrita. Que sentido tem para mim o que

eu faço? Como eu compreendo e produzo o conhecimento? Desconectado, desintonizado com o todo? Eu me fiz esta pergunta quando era estudante e continuo fazendo agora que sou professora. Por isso, não posso deixar de pensar a respeito do papel que os processos de resiliência desempenhariam na formação de professores, nas nossas relações interpessoais, na produção escrita, conforme defendeu a professora Malena Segura Contrera (2008), dentro da sua área da Comunicação.

É neste sentido que eu exponho a minha última anotação acerca da contribuição da teoria da resiliência de Boris Cyrulnik para as propostas de escrita desenvolvidas no curso de Letras. Eu anotei livremente: “Eu não sou contra o ensino que se apoia em gêneros textuais. Isto não me encanta. Meu interesse é trabalhar com os alunos uma concepção de escrita com outro valor. Qual seria? No caso e nos contextos estudados por Cyrulnik, a escrita, claramente, recebe um *valor de sobrevivência*. O que isto quer dizer? Quer dizer que ela *gera vida* aos indivíduos, quando dela lançam mão. Ela possibilita um laço com a vida, porque ao escrever, eu vou refazendo a minha imagem” – como dissemos. “A escrita participa disso, quando sou capaz de traduzir o meu estado interno para outro indivíduo e para mim mesmo. Isto é (promover e) retomar o desenvolvimento.” Para mim, tentar fazer isso na sala de aula, já seria muito.

REFERÊNCIAS:

BAITELLO JR, Norval. *Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos*. In RODRIGUES, David (org.) Os valores e as atividades corporais. São Paulo: Summus, 2008. P. 95 – 112.

------. *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulos, 2014.

------. *Imagem e Emoção: movimentos interiores e exteriores*. In *Emoção e Imaginação: os sentidos e as imagens em movimento*. BAITELLO, Norval; WULF, Christoph. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

CONTRERA, Malena Segura. *EMOÇÃO E IMAGINAÇÃO Diferentes vínculos, diferentes imaginários*. Revista Ghrebh. São Paulo, outubro/2012 n. 18.

CYRULNIK, Boris. *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

----- . *O nascimento do sentido*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

----- . *O sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

----- . *Os patinhos feios*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

DAMÁSIO, ANTÓNIO. *O Livro da Consciência: a construção do cérebro consciente*. Lisboa: Temas e Debates, 2010.

DE WAAL, Frans de. *A era da empatia: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FLUSSER, VILÉM. *A Escrita. Há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

----- . *A filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: Editora Relume-Dumará, 2009.

GAIARSA, José. *Couraça Muscular do Caráter*. São Paulo, Editora Ágora, 1984.

MARCONDES FILLHO, Ciro. *O pulsar da vida*. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

----- . *Perca Tempo: é no lento que a vida acontece*. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

WULF, Christoph. *Homo pictor: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*. São Paulo: Hedra, 2013.

WULF, Christoph. *Linguagem, imaginação e performatividade*. IN: PAIEIRO, Denise; BAITELLO, NORVAL; MENEZES, JOSE EUGENIO DE OLIVEIRA. *Símbolos vivem mais que os homens*. São Paulo: Editora Annablume, 2006.

Sites:

<http://www.sab.org.br/portal/sabeventos/73-resiliencia/189-entrevista-com-boris-cyrulnik>